

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

JULHO DE 1858

Nº 7

A Inveja

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA

PELO ESPÍRITO SÃO LUÍS AO SR. D...

Em uma das sessões da Sociedade, São Luís nos havia prometido uma dissertação sobre a inveja. O Sr. D..., que começava a desenvolver a mediunidade e ainda duvidava um pouco – não da Doutrina, de que é um dos mais ferventes adeptos e que a compreende em sua essência, isto é, do ponto de vista moral – mas da faculdade que nele se revelava, invocou São Luís em seu nome particular, dirigindo-lhe a seguinte pergunta:

– Poderíeis dissipar minhas dúvidas e inquietações a respeito de minha força mediúnica, escrevendo, por meu intermédio, a dissertação que havíeis prometido à Sociedade para terça-feira, 1º de junho?

Resp. – Sim; para te tranquilizar o farei.

Foi então que o trecho seguinte foi ditado. Faremos notar que o Sr. D... dirigiu-se a São Luís com um coração puro e sincero, sem segundas intenções, condição indispensável a toda boa comunicação. Não era uma prova que fazia: duvidava apenas de si mesmo, permitindo Deus que fosse atendido, a fim de dar-lhe os meios de tornar-se útil. Hoje, o Sr. D... é um dos médiuns mais

completos, não só pela grande facilidade de execução, como por sua aptidão em servir de intérprete a todos os Espíritos, mesmo àqueles de ordem mais elevada, que se exprimem facilmente e de boa vontade por seu intermédio. São essas, sobretudo, as qualidades, que devemos procurar num médium e que podem sempre ser adquiridas com paciência, vontade e exercício. O Sr. D... não necessitou de muita paciência; havia nele a vontade e o *fervor*, unidos a uma aptidão natural. Bastaram alguns dias para levar sua faculdade ao mais alto grau. Eis o ditado que lhe foi dado sobre a inveja:

“Vede este homem: seu espírito está inquieto, sua infelicidade terrestre está no auge: inveja o ouro, o luxo e a felicidade, aparente ou fictícia, de seus semelhantes; seu coração está devastado, sua alma secretamente consumida por essa luta incessante do orgulho e da vaidade não satisfeita; carrega consigo, em todos os instantes de sua miserável existência, uma serpente que acalenta no peito e que sem cessar lhe sugere os mais fatais pensamentos: “Terei essa volúpia, essa felicidade? Não obstante, isso me é devido como aos outros; sou homem como eles; por que seria deserddado?” E se debate na sua impotência, atormentado pelo horrível suplício da inveja. Feliz ainda se essas funestas idéias não o levarem à beira do abismo. Entrando nesse caminho, ele se pergunta se não deve obter, pela violência, o que julga ser-lhe devido; se não irá expor, aos olhos de todos, o horrendo mal que o devora. Se esse infeliz apenas tivesse olhado para baixo de sua posição, teria visto o número daqueles que sofrem sem se lastimarem e ainda bendizendo o Criador, porquanto a infelicidade é um benefício de que Deus se serve para fazer avançar a pobre criatura até o seu trono eterno.

“Fazei vossa felicidade e vosso verdadeiro tesouro na Terra em obras de caridade e de submissão, as únicas que vos permitirão ser admitidos no seio de Deus; essas obras do bem farão a vossa alegria e a vossa felicidade eternas; a inveja é uma das mais feias e mais tristes misérias de vosso globo; a caridade e a constante

emissão da fé farão desaparecer todos os males, que se irão um a um, à medida que se multiplicarem os homens de boa vontade que a vós se seguirão. Amém.”

Uma Nova Descoberta Fotográfica

Vários jornais relataram o seguinte fato:

“O Sr. Badet, morto no dia 12 de novembro último, após uma enfermidade de três meses – diz o jornal *Union bourguignonne*, de Dijon – costumava, toda vez que lhe permitiam as forças, postar-se a uma janela do primeiro andar, com a cabeça constantemente voltada para o lado da rua, a fim de se distrair vendo os transeuntes que passavam. Há alguns dias a Sra. Peltret, cuja casa fica defronte da residência da viúva Badet, percebeu na vidraça dessa janela o próprio Sr. Badet, com seu boné de algodão, seu rosto emagrecido, etc., enfim, tal qual o tinha visto durante sua doença. Grande foi sua emoção, para dizer o mínimo. Não apenas chamou os vizinhos, cujo testemunho podia ser suspeito, mas também homens sérios, que perceberam bem distintamente a imagem do Sr. Badet na vidraça da janela em que tinha o costume de ficar. Tal imagem foi mostrada também à família do defunto, que imediatamente fez desaparecer o vidro.

“Ficou, todavia, bem constatado que a vidraça tinha tomado a impressão do rosto do doente, que nela estava como que daguerreotipado, fenômeno que poderíamos explicar se, do lado oposto à janela, houvesse uma outra, por onde os raios solares pudessem ter chegado ao Sr. Badet; mas não havia nada: o quarto só tinha uma única janela. Tal é a verdade, nua e crua, sobre esse fato impressionante, cuja explicação deve ser deixada aos sábios.”

Confessamos que, à leitura desse artigo, nosso primeiro impulso foi o de classificá-lo como vulgar, como se faz com as

notícias apócrifas, a ele não ligando a menor importância. Poucos dias depois, o Sr. Jobard, de Bruxelas, assim nos escrevia:

“À leitura do fato que se segue – daquele que acabamos de citar – passado em meu país, *com um de meus parentes*, dei de ombros ao ver o jornal que o relata remeter aos sábios a sua explicação, e essa valorosa família retirar a vidraça através da qual Badet olhava os transeuntes. Evocai-o para saber o que ele pensa disso.”

Essa confirmação do fato, da parte de um homem do caráter do Sr. Jobard, cujos méritos e honorabilidade todos conhecem, além da circunstância particular de ser o herói um de seus parentes, não nos poderiam deixar dúvida quanto à sua veracidade. Conseqüentemente, evocamos o Sr. Badet na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, no dia 15 de junho de 1858, terça-feira. Eis as explicações que se seguiram:

1. Rogo a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito Badet, morto em Dijon a 11 de novembro último, que se comunique conosco.

Resp. – Estou aqui.

2. O fato que vos concerne e que acabamos de lembrar é verdadeiro?

Resp. – Sim, é verdadeiro.

3. Poderíeis dar-nos a sua explicação?

Resp. – Existem agentes físicos, por ora desconhecidos, que mais tarde se tornarão comuns. Trata-se de um fenômeno bastante simples, semelhante a uma fotografia, combinada com forças que ainda não descobristes.

4. Por vossas explicações poderíeis apressar o momento dessa descoberta?

Resp. – Bem que gostaria, mas isso é tarefa de outros Espíritos e do trabalho humano.

5. Poderíeis reproduzir, pela segunda vez, o mesmo fenômeno?

Resp. – Não fui eu quem o produziu, foram as condições físicas, das quais sou independente.

6. Pela vontade de quem, e com que finalidade se deu esse fato?

Resp. – Produziu-se quando eu era vivo, e independente da minha vontade; um estado particular da atmosfera o revelou depois.

Tendo-se estabelecido uma discussão entre os assistentes sobre as prováveis causas desse fenômeno, e sendo emitidas várias opiniões sem que ao Espírito fossem dirigidas outras perguntas, disse este espontaneamente: “E não levais em consideração a eletricidade e a galvanoplastia, que agem também sobre o *perispírito*?”

7. Foi-nos dito ultimamente que os Espíritos não têm olhos; ora, se essa imagem é a reprodução do perispírito, como foi possível reproduzir os órgãos da visão?

Resp. – O perispírito não é o Espírito; a aparência, ou perispírito tem olhos, mas o Espírito não os possui. Já vos disse bem, falando do perispírito, que eu estava vivo.

Observação – Enquanto aguardamos que essa nova descoberta se faça, dar-lhe-emos o nome provisório de *fotografia espontânea*. Todos lamentarão que, por um sentimento difícil de compreender, tenham destruído a vidraça sobre a qual estava reproduzida a imagem do Sr. Badet; tão curioso monumento poderia facilitar as pesquisas e as observações próprias para o estudo da questão. Talvez tenham visto nessa imagem uma obra do demônio; em todo o caso, se o demônio tem algo a ver com esse assunto, é seguramente na destruição da vidraça, porque é inimigo do progresso.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FOTOGRAFIA ESPONTÂNEA

Resulta das explicações acima que, em si mesmo, o fato não é sobrenatural, nem miraculoso. Quantos fenômenos estão no mesmo caso, que nos tempos de ignorância deverão ter ferido as imaginações por demais propensas ao maravilhoso! É, pois, um efeito puramente físico, que prenuncia um novo passo na ciência fotográfica.

Como se sabe, o perispírito é o envoltório semimaterial do Espírito; não é apenas depois da morte que o Espírito dele se acha revestido; durante a vida está unido ao corpo: é o laço entre o corpo e o Espírito. A morte é apenas a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que afeta a aparência do primeiro, como se dele tivesse guardado a impressão. Geralmente invisível, em certas circunstâncias o perispírito se condensa e, combinando-se com outros fluidos, torna-se perceptível à visão e, por vezes, até mesmo tangível; é ele que é visto nas aparições.

Sejam quais forem a sutileza e a imponderabilidade do perispírito, nem por isso deixa de ser uma espécie de matéria, cujas propriedades físicas nos são ainda desconhecidas. Desde que é matéria, pode agir sobre a matéria; essa ação é patente nos fenômenos magnéticos; acaba de revelar-se nos corpos inertes, pela impressão que a imagem do Sr. Badet deixou na vidraça. Essa impressão se deu quando estava vivo; conservou-se após sua morte, mas era invisível; foi necessário, ao que parece, a ação fortuita de um agente desconhecido, provavelmente atmosférico, para torná-la aparente. Que haveria nisso de espantoso? Não é sabido que podemos, à vontade, fazer aparecer e desaparecer a imagem daguerreotipada? Citamos isto como comparação, sem pretender estabelecer analogia de processos. Desse modo, seria o perispírito do Sr. Badet que, exteriorizando-se do corpo deste último, teria, com o passar do tempo e sob o império de circunstâncias desconhecidas, exercido uma verdadeira ação química sobre a substância vítrea, semelhante

à da luz. Incontestavelmente, a luz e a eletricidade devem desempenhar um grande papel nesse fenômeno. Resta saber quais são os agentes e essas circunstâncias; é o que mais tarde provavelmente se saberá, e não será uma das descobertas menos curiosas dos tempos modernos.

Se é um fenômeno natural, dirão os que tudo negam, por que é a primeira vez que se produz? Por nossa vez, perguntar-lhes-emos por que as imagens daguerreotipadas só se fixaram depois de Daguerre, embora não tenha sido ele quem inventou a luz, nem tampouco as placas de cobre, nem a prata, nem os cloretos? Há muito tempo se conhecem os efeitos da câmara escura; uma circunstância fortuita favoreceu a via da fixação; depois, auxiliados pelo gênio, de perfeição em perfeição chegou-se às obras-primas que vemos hoje. Provavelmente será o mesmo fenômeno estranho que acaba de revelar-se; e quem sabe se ele já não se produziu e se não passou despercebido por falta de um observador atento? A reprodução de uma imagem sobre um vidro é um fato vulgar, mas a fixação dessa imagem em outras condições que não a da fotografia, o estado latente dessa imagem, sua reaparição depois, eis o que deve ser marcado nos fastos da Ciência. Se cremos nos Espíritos, devemos esperar muitas outras maravilhas, várias das quais nos são assinaladas por eles. Honra, pois, aos sábios suficientemente modestos para não acreditarem que a Natureza, para eles, já tenha virado a última página de seu livro.

Se esse fenômeno se produziu uma vez, deve poder reproduzir-se. É o que provavelmente ocorrerá quando dele tivermos a chave. Enquanto aguardamos, eis o que contava um dos membros da Sociedade, na sessão de que falamos:

Disse ele: “Eu habitava uma casa em Montrouge; estávamos no verão, o sol cintilava pela janela. Na mesa havia uma garrafa cheia d’água e, debaixo dela, uma pequena esteira; de repente, a esteira pegou fogo. Se alguém não estivesse lá, um

incêndio poderia ter ocorrido sem que se lhe soubesse a causa. Tentei reproduzir o mesmo fenômeno centenas de vezes e jamais o consegui.” A causa física da combustão é bem conhecida: a garrafa produziu o efeito de um vidro ardente. Mas por que não se pôde repetir a experiência? É que, independentemente da garrafa d’água, houve o concurso de circunstâncias que operavam de modo excepcional a concentração dos raios solares: talvez o estado da atmosfera, dos vapores, da água, a eletricidade, etc., e provavelmente tudo isso, em certas proporções requeridas; daí a dificuldade de reproduzir-se exatamente as mesmas condições e a inutilidade das tentativas para se chegar a um efeito semelhante. Eis, pois, um fenômeno inteiramente do domínio da física, do qual conhecemos o princípio, mas que, entretanto, não podemos repetir à vontade. Acorrerá à mente do céptico mais empedernido negar o fato? Seguramente não. Por que, então, negam esses mesmos cépticos a realidade dos fenômenos espíritas – falamos das manifestações em geral – simplesmente por não as poderem manipular à vontade? Não admitir que fora daquilo que conhecemos possa haver agentes novos, regidos por leis especiais; negar esses agentes, porque não obedecem às leis que conhecemos, é dar prova de bem pouca lógica e revelar um espírito por demais limitado.

Voltemos à imagem do Sr. Badet. Como nosso colega e sua garrafa, certamente se farão numerosas tentativas infrutíferas, antes de obter qualquer êxito, até que um acaso feliz, ou o esforço de um gênio poderoso, possa dar a chave do mistério. Então, isso se transformará provavelmente numa arte nova, de que se enriquecerá a indústria. Desde já podemos ouvir numerosas pessoas dizerem: mas há um meio bem mais simples de termos essa chave: por que não a pedem aos Espíritos? É o caso de realçar um erro em que cai a maior parte dos que julgam a ciência espírita sem a conhecer. Lembremos, primeiramente, deste princípio fundamental: os Espíritos, ao contrário do que se pensava outrora, longe estão de tudo saber.

Dá-nos a escala espírita a medida de sua capacidade e moralidade, e diariamente a experiência confirma nossas observações a esse respeito. Os Espíritos, pois, nem tudo sabem, em muitos aspectos sendo bastante inferiores a certos homens: eis o que não podemos jamais perder de vista. O Espírito Badet, autor involuntário do fenômeno de que nos ocupamos, por suas respostas demonstra uma certa elevação, mas não uma grande superioridade; ele próprio reconhece sua falta de habilidade para dar uma explicação completa; como dissera, isso é “*tarefa de outros Espíritos e do trabalho humano.*” Estas últimas palavras encerram todo um ensinamento. De fato, seria bastante cômodo não ter senão que interrogar os Espíritos para fazermos as mais extraordinárias descobertas; onde, então, estaria o mérito dos inventores, se mão oculta lhes viesse facilitar a tarefa e poupar-lhes o trabalho de pesquisa? Por certo, mais de uma pessoa não teria escrúpulo de registrar uma patente de invenção em seu nome pessoal, sem mencionar o verdadeiro inventor. Acrescentemos que semelhantes perguntas são feitas visando sempre a interesses e na esperança de fortuna fácil, coisas pessimamente recomendadas junto aos Espíritos bons; aliás, eles não se prestam jamais a servir como instrumento de tráfico. O homem deve ter a sua iniciativa, sem o que será reduzido à condição de máquina; deve aperfeiçoar-se pelo trabalho: é uma das condições de sua existência terrestre. É necessário, também, que cada coisa venha a seu tempo e pelos meios que apraz a Deus empregar, pois os Espíritos não podem desviar os caminhos da Providência. Querer forçar a ordem estabelecida é colocar-se à mercê dos Espíritos zombeteiros que lisonjeiam a ambição, a cupidez e a vaidade, para depois se rirem das decepções que causam. Muito pouco escrupulosos de sua natureza, dizem tudo o que se quer, dão todas as receitas que se lhes pede e, se necessário, as apoiarão em fórmulas científicas, sem se importarem ao menos se terão o valor das receitas dos charlatães. Iludem-se, pois, todos aqueles que acreditavam pudessem os Espíritos abrir-lhes minas de ouro: sua missão é mais séria. “Trabalhai, esforçai-vos; eis o que de fato precisais”, disse um célebre moralista, do qual em breve daremos uma notável conversa de além-túmulo. A essa sábia máxima, a

Doutrina Espírita acrescenta: É a estes que os Espíritos sérios vêm auxiliar, pelas idéias que lhes sugerem ou por conselhos diretos, e não aos preguiçosos, que desejam gozar sem nada fazer, nem aos ambiciosos, que querem ter mérito sem esforço. Ajuda-te e o céu te ajudará.

O Espírito Batedor de Bergzabern

(TERCEIRO ARTIGO)

Continuamos a citar a brochura do Sr. Blanck, redator do *Jornal de Bergzabern* ⁴³.

“Os fatos que vamos relatar ocorreram de sexta-feira, 4, a quarta-feira, 9 de março de 1853; depois, nada semelhante se produziu. Nessa época Philippine não mais dormia no quarto que conhecemos: seu leito havia sido transferido para a peça vizinha, onde ainda se acha presentemente. As manifestações tomaram um caráter tão estranho que é impossível admitir a sua explicação pela intervenção dos homens. Aliás, são de tal modo diferentes das que haviam sido observadas anteriormente, que todas as opiniões iniciais caíram por terra.

Sabe-se que no quarto onde dormia a mocinha, as cadeiras e os outros móveis muitas vezes eram derrubados, as janelas abriam-se com estrondo, sob golpes repetidos. Há cinco semanas ela permanece no quarto comum, onde, desde o princípio da noite, até a manhã seguinte, há sempre uma luz; pode-se, pois, ver perfeitamente o que ali se passa. Eis o fato observado sexta-feira, 4 de março:

Philippine ainda não estava deitada; achava-se no meio de algumas pessoas que conversavam com o Espírito batedor

43 Devemos à cortesia de um de nossos amigos, o Sr. Alfred Pireaux, empregado da administração dos Correios, a tradução dessa interessante brochura.

quando, de repente, a gaveta de uma mesa muito grande e pesada, que se encontrava na sala, foi puxada e empurrada com grande barulho e com uma impetuosidade extraordinária. Os assistentes ficaram fortemente surpreendidos com essa nova manifestação; no mesmo instante, a própria mesa começou a movimentar-se em todos os sentidos, avançando em direção à lareira, perto da qual estava sentada Philippine. Por assim dizer, perseguida pelo móvel, viu-se obrigada a deixar o seu lugar e correr para o meio do quarto; mas a mesa voltou-se nessa direção e se deteve a meio pé da parede. Colocaram-na em seu lugar costumeiro, de onde não se mexeu mais; entretanto, as botas que se encontravam debaixo dela, e que todos puderam ver, foram jogadas no meio do quarto, com grande pavor das pessoas presentes. Uma das gavetas recomeçou a deslizar nas corrediças, abrindo-se e fechando-se por duas vezes, de início muito vivamente e, depois, de forma cada vez mais lenta; quando estava completamente aberta, acontecia ser sacudida com estrondo. Deixado sobre a mesa, um pacote de fumo mudava de lugar a todo instante. As pancadas e arranhaduras eram ouvidas na mesa. Philippine, que então gozava de excelente saúde, achava-se no meio das pessoas reunidas e de forma alguma parecia inquieta com todas essas estranhezas, que se repetiam todas as noites, desde sexta-feira; domingo, porém, foram ainda mais notáveis.

Por várias vezes a gaveta foi puxada e empurrada com violência. Depois de haver estado em seu antigo dormitório, Philippine voltou subitamente, foi tomada de sono magnético e deixou-se cair numa cadeira, onde por várias vezes foram ouvidas as arranhaduras. Suas mãos apoiavam-se sobre os joelhos e a cadeira ora se movia para a direita, ora para a esquerda, ou para frente e para trás. Viam-se os pés dianteiros da cadeira se erguerem, enquanto a cadeira balançava num equilíbrio impressionante sobre os pés traseiros. Tendo sido levada para o meio do quarto, tornou-se mais fácil observar esse novo fenômeno. Então, a uma palavra de ordem, a cadeira girava, avançava ou recuava mais ou menos depressa, ora num sentido, ora noutro. Durante essa dança singular

os pés da criança arrastavam-se no chão, como se estivessem paralisados; através de gemidos e levando a mão à frente diversas vezes, dava a entender que estava com dor de cabeça. Depois, despertando de repente, pôs-se a olhar para todos os lados, sem compreender a situação: seu mal-estar a havia deixado. Ela se deitou; então as pancadas e arranhaduras, antes produzidas na mesa, fizeram-se ouvir no leito, com força e de maneira divertida.

Pouco antes, tendo uma campainha produzido sons espontâneos, tiveram a idéia de prendê-la à cama: logo se pôs a tocar e a balançar. O que houve de mais curioso nessa circunstância foi o fato de a campainha permanecer imobilizada e em silêncio, quando a cama era levantada e deslocada. Por volta da meia-noite todo o ruído cessou e a assistência dispersou-se.

Na segunda-feira à noite, 15 de maio, prenderam ao leito uma grande campainha; imediatamente fez-se ouvir um barulho desagradável e ensurdecedor. No mesmo dia, ao meio-dia, as janelas e a porta do quarto de dormir foram abertas, mas de maneira silenciosa.

Devemos dizer, também, que a cadeira em que se sentava Philippine, na sexta-feira e no sábado, levada pelo Sr. Senger para o meio do quarto pareceu-lhe muito mais leve que de costume: dir-se-ia que força invisível a sustentava. Querendo empurrá-la, um dos assistentes não encontrou a menor resistência: a cadeira parecia deslizar por si mesma no assoalho.

O Espírito batedor ficou em silêncio durante três dias: quinta-feira, sexta-feira e sábado da Semana Santa. Somente no Domingo de Páscoa os golpes recomeçaram, imitando o som de sinos; eram ritmados e compunham uma ária. No dia 1º de abril, mudando de guarnição e puxadas por uma banda de música, as tropas deixaram a cidade. Ao passarem diante da casa dos Senger, o Espírito batedor executou, no leito, à sua maneira, o mesmo trecho que era

tocado na rua. Algum tempo antes, haviam escutado no quarto como que os passos de alguém, e como se tivessem jogado areia no assoalho.

Preocupado com os fatos que acabamos de relatar, o governo do Palatinado propôs ao Sr. Senger internar a filha numa casa de saúde, em Frankenthal, proposta aceita. Sabemos que em sua nova residência a presença de Philippine deu origem aos mesmos prodígios de Bergzabern, e que os médicos daquela cidade, tanto quanto os nossos, não lhes puderam determinar a causa. Além disso, estamos informados de que somente os médicos têm acesso à mocinha. Por que tomaram essa medida? Nós o ignoramos, e não nos permitimos censurá-la; porém, se o que lhe deu causa não foi o resultado de alguma circunstância particular, pensamos que deveriam deixar entrar, perto da interessante criança, se não todo o mundo, pelo menos as pessoas recomendáveis.”

Observação – Só tomamos conhecimento dos diferentes fatos aqui expostos pelo relatório que deles o Sr. Blanck publicou; entretanto, uma circunstância acaba de nos pôr em contato com uma das pessoas que mais se distinguiram nesse caso e que, a respeito, houve por bem fornecer-nos documentos circunstanciados do mais alto interesse. Através de evocação, obtivemos igualmente explicações bastante curiosas e muito instrutivas desse Espírito batedor, dadas por ele mesmo. Como esses documentos nos chegaram muito tarde, adiaremos sua publicação para o próximo número.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

O TAMBOR DE BERESINA

Tendo-se reunido em nossa casa algumas pessoas, com vistas a constatar certas manifestações, produziram-se os fatos que se seguem, no curso de várias sessões, originando a conversa que

vamos relatar, e que apresenta um grande interesse do ponto de vista do estudo.

Manifestou-se o Espírito por pancadas, que não eram dadas com o pé da mesa, mas na própria intimidade da madeira. A troca de idéias que então ocorreu, entre os presentes e o ser invisível, não permitia duvidar da intervenção de uma inteligência oculta. Além das respostas a várias perguntas, seja por *sim*, seja por *não*, seja ainda por meio da tiptologia alfabética, os golpes batiam à vontade uma marcha qualquer, o ritmo de uma ária, imitavam a fuzilaria e o canhonheio de uma batalha, o barulho do tanoeiro e do sapateiro; faziam eco com admirável precisão, etc. Depois ocorreu o movimento de uma mesa e sua translação *sem qualquer contato das mãos*, uma vez que os assistentes se mantinham afastados; colocada sobre a mesa, em vez de girar uma saladeira pôs-se a deslizar em linha reta, igualmente sem contato com as mãos. Os golpes eram ouvidos do mesmo modo, nos diversos móveis do quarto, algumas vezes simultaneamente; outras, como se estivessem respondendo.

O Espírito parecia ter uma marcante predileção pelo toque de tambor, pois que os repetia a cada instante sem que se lhe pedisse. Muitas vezes, em lugar de responder a certas perguntas, batia a generala ou tocava o reunir. Interrogado sobre várias particularidades de sua vida, disse chamar-se Célina, ter nascido em Paris, falecido aos quarenta e cinco anos e sido tocador de tambor.

Entre os assistentes, além do médium especial de efeitos físicos que produzia as manifestações, havia um excelente médium psicógrafo que serviu de intérprete ao Espírito, o que nos permitiu obter respostas mais explícitas. Tendo confirmado, pela escrita, o que havia dito pela tiptologia a propósito de seu nome, lugar de nascimento e época da morte, foi-lhe dirigida a série de perguntas que se segue, cujas respostas oferecem vários traços característicos que corroboram certas partes essenciais da teoria.

1. Escreve qualquer coisa, o que quiseres.

Resp. – Ran plan plan, ran, plan, plan.

2. Por que escreveste isso?

Resp. – Eu era tocador de tambor.

3. Havias recebido alguma instrução?

Resp. – Sim.

4. Onde fizeste teus estudos?

Resp. – Nos *Ignorantins* ⁴⁴

5. Pareces jovial.

Resp. – Eu o sou bastante.

6. Uma vez nos disseste que, em vida, gostavas muito de beber; é verdade?

Resp. – Eu gostava de tudo o que era bom.

7. Eras militar?

Resp. – Claro que sim, pois que era tocador de tambor.

8. Sob que governo serviste?

Resp. – Sob Napoleão, o Grande.

9. Podes citar-nos uma das batalhas em que tomaste parte?

Resp. – A de Beresina.

10. Foi lá que morreste?

Resp. – Não.

11. Estavas em Moscou?

Resp. – Não.

44 N. do T.: Grifo nosso.

12. Onde morreste?

Resp. – Na neve.

13. Em que corpo servias?

Resp. – Nos fuzileiros da guarda.

14. Gostavas muito de Napoleão, o Grande?

Resp. – Como todos nós o amávamos, e sem saber o porquê!

15. Sabes em que se tornou Napoleão depois de sua morte?

Resp. – Depois de minha morte só me ocupei de mim mesmo.

16. Estás reencarnado?

Resp. – Não, pois que venho conversar convosco.

17. Por que te manifestas por pancadas, sem que tenhas sido chamado?

Resp. – É preciso fazer barulho para aqueles cujo coração nada crê. Se não tendes o bastante, dar-vos-ei ainda mais.

18. É de tua própria vontade que vieste bater, ou um outro Espírito obrigou-te a fazê-lo?

Resp. – Venho por minha vontade; há um outro, a quem chamais *Verdade*, que pode forçar-me a isto também. Mas há muito tempo que eu queria vir.

19. Com que objetivo querias vir?

Resp. – Para conversar convosco; era o que queria; havia, porém, alguma coisa que mo impedia. Fui forçado por um Espírito familiar da casa, que me exortou a tornar-me útil às pessoas que me fizessem perguntas. – Esse Espírito, então, tem muito poder, visto comandar outros Espíritos? *Resp.* – Mais do que imaginais, e não o emprega senão para o bem.

Observação – O Espírito familiar da casa deu-se a conhecer sob o nome alegórico de *Verdade*, circunstância ignorada do médium.

20. O que te impedia de vir?

Resp. – Não sei; alguma coisa que não compreendo.

21. Lamentas a vida?

Resp. – Não; nada lamento.

22. Qual a existência que preferes: a atual ou a terrestre?

Resp. – Prefiro a existência do Espírito à do corpo.

23. Por quê?

Resp. – Porque estamos bem melhor do que na Terra. A Terra é um purgatório; durante todo o tempo em que nela vivi, sempre desejei a morte.

24. Sofres em tua nova situação?

Resp. – Não; mas ainda não sou feliz.

25. Ficarias satisfeito se tivesses uma nova existência corporal?

Resp. – Sim, porque sei que devo elevar-me.

26. Quem te disse isso?

Resp. – Eu o sei bem.

27. Reencarnarás logo?

Resp. – Não sei.

28. Vês outros Espíritos à tua volta?

Resp. – Sim; muitos.

29. Como sabes que são Espíritos?

Resp. – Entre nós, vemo-nos tais quais somos.

30. Sob qual aparência os vês?

Resp. – Como se podem ver os Espíritos; mas não pelos olhos.

31. E tu, sob que forma estás aqui?

Resp. – Sob a que tinha quando vivo, isto é, como tocador de tambor.

32. E os outros Espíritos? Tu os vê sob a forma que possuíam quando estavam encarnados?

Resp. – Não; só tomamos uma aparência quando somos evocados, de outro modo nos vemos sem forma.

33. Tu nos vês tão claramente como se estivesses vivo?

Resp. – Sim, perfeitamente.

34. É através dos olhos que nos vês?

Resp. – Não; temos uma forma, mas não temos sentidos; nossa forma é apenas aparente.

Observação – Seguramente os Espíritos têm sensações, já que percebem; se assim não fora, seriam inertes; contudo, suas sensações não são localizadas, como quando têm um corpo, mas inerentes a todo o ser.

35. Dize-nos positivamente em que lugar estás aqui.

Resp. – Perto da mesa, entre vós e o médium.

36. Quando bates, estás sob a mesa, em cima dela ou na intimidade da madeira?

Resp. – Estou ao lado; não me meto na madeira: basta-me tocar a mesa.

37. Como produzes os ruídos que fazes ouvir?

Resp. – Creio que é por intermédio de uma espécie de concentração de nossa força.

38. Poderias explicar-nos a maneira pela qual são produzidos os diferentes ruídos que imitas, as arranhaduras, por exemplo?

Resp. – Eu não saberia precisar muito a natureza dos ruídos; é difícil de explicar. Sei que arranho, mas não posso explicar como produzo esse ruído que chamais de arranhadura.

39. Poderias produzir os mesmos ruídos com qualquer outro médium?

Resp. – Não; há especialidade em todos os médiuns; nem todos podem agir da mesma forma.

40. Vês entre nós, além do jovem S... (o médium de efeitos físicos pelo qual o Espírito se manifesta), alguém que poderia te ajudar a produzir os mesmos efeitos?

Resp. – No momento não vejo ninguém; com ele eu estaria muito disposto a fazê-lo.

41. Por que com ele e não com outro?

Resp. – Porque o conheço mais; depois, porque está mais apto do que qualquer outro a esse gênero de manifestações.

42. Tu o conhecias há muito tempo? Antes de sua atual existência?

Resp. – Não; só o conheço há bem pouco tempo; de alguma sorte a ele fui atraído para que se tornasse meu instrumento.

43. Quando uma mesa se eleva no ar, sem ponto de apoio, quem a sustenta?

Resp. – Nossa vontade, que lhe ordenou obedecer e, também, o fluido que lhe transmitimos.

Observação – Essa resposta vem apoiar a teoria que nos foi dada sobre a causa das manifestações físicas e que relatamos nos números 5 e 6 desta Revista.

44. Poderias fazê-lo?

Resp. – Creio que sim; tentarei quando o médium vier (nesse momento ele estava ausente).

45. De que depende isso?

Resp. – Depende de mim, pois me sirvo do médium como de um instrumento.

46. Mas a qualidade do instrumento não conta para alguma coisa?

Resp. – Sim, auxilia-me muito; tanto é assim que eu disse não poder fazê-lo hoje com outros médiuns.

Observação – No curso da sessão tentou-se levantar a mesa, mas não se obteve êxito, talvez porque não tivesse havido bastante perseverança; houve esforços evidentes e movimentos de translação sem contato nem imposição das mãos. Entre as experiências feitas destacou-se a da abertura da mesa, que era elástica; porque oferecesse muita resistência, em face de um defeito de construção, foi posta de lado, enquanto o Espírito tomava uma outra e conseguia abri-la.

47. Por que, outro dia, os movimentos da mesa se detinham a cada vez que um de nós tomava de uma luz para olhar embaixo dela?

Resp. – Porque eu queria punir a vossa curiosidade.

48. De que te ocupas em tua existência de Espírito, considerando que não deves passar o tempo todo somente a bater?

Resp. – Muitas vezes tenho missões a cumprir; devemos obedecer a ordens superiores e, sobretudo, fazer o bem aos seres humanos que estão sob nossa influência.

49. Por certo tua vida terrestre não foi isenta de faltas; reconhece-as, agora?

Resp. – Sim; e por isso as expio, permanecendo estacionário entre os Espíritos inferiores; só poderei purificar-me bastante quando tomar um outro corpo.

50. Quando aplicavas os golpes na mesa e, ao mesmo tempo, em outro móvel, eras tu quem os produzia, ou era um outro Espírito?

Resp. – Era eu mesmo.

51. Estavas só, portanto?

Resp. – Não, mas realizava sozinho o trabalho de bater.

52. Os demais Espíritos que lá se encontravam não te auxiliavam em alguma coisa?

Resp. – Não para bater, mas para falar.

53. Então não eram Espíritos batedores?

Resp. – Não; a Verdade somente a mim havia permitido bater.

54. Algumas vezes os Espíritos batedores não se reuniam em maior número, com o fim de haver mais força na produção de certos fenômenos?

Resp. – Sim, mas para aqueles que eu podia fazer, a mim só bastava.

55. Estás sempre na Terra, em tua existência espiritual?

Resp. – Mais freqüentemente no espaço.

56. Vais algumas vezes a outros mundos, isto é, a outros globos?

R. Não aos mais perfeitos, mas aos mundos inferiores.

57. Por vezes te divertes em ver e ouvir o que fazem os homens?

Resp. – Não; entretanto, algumas vezes tenho piedade deles.

58. De preferência, quais aqueles que procuras?

Resp. – Os que querem crer de boa-fé.

59. Poderias ler os nossos pensamentos?

Resp. – Não; não leio nas almas; não sou bastante perfeito para isso.

60. Todavia, deves conhecer nossos pensamentos, já que vens entre nós; de outra forma, como poderias saber se cremos de boa-fé?

Resp. – Não leio, mas compreendo.

Observação – A pergunta 58 tinha por objetivo saber a quem, espontaneamente, dirigia sua preferência na vida de Espírito, sem ser evocado; através da evocação, como Espírito de uma ordem pouco elevada, poderia ser constrangido a vir a um meio que lhe desagradasse. Por outro lado, sem ler propriamente os nossos pensamentos, por certo poderia ver que as pessoas ali reunidas não o faziam senão com um objetivo sério e, pela natureza das perguntas e da conversa que *omnisse*, seria capaz de julgar se a assembléia era composta de pessoas sinceramente desejosas de se esclarecerem.

61. Encontraste alguns dos teus antigos companheiros do Exército no mundo dos Espíritos?

Resp. – Sim, mas suas posições eram tão diferentes que não os reconheci a todos.

62. Em que consistia essa diferença?

Resp. – Na situação feliz ou infeliz de cada um.

63. Como entendias essa subida para Deus?

Resp. – Cada degrau transposto é um degrau a mais até Ele.

64. Disseste que morreste na neve; foi em consequência do frio?

Resp. – De frio e de necessidade.

65. Tiveste consciência imediata de tua nova existência?

Resp. – Não, mas já não sentia mais frio.

66. Alguma vez retornaste ao local onde deixaste teu corpo?

Resp. – Não, ele me fez sofrer bastante.

67. Nós te agradecemos as explicações que tiveste a bondade de dar-nos. Elas nos forneceram material de observação muito útil para o nosso aperfeiçoamento na ciência espírita.

Resp. – Estou inteiramente às vossas ordens.

Observação – Pouco avançado na hierarquia espírita, como se vê, o próprio Espírito reconhecia a sua inferioridade. Seus conhecimentos são limitados; mas tem bom senso, sentimentos louváveis e benevolência. Como Espírito, sua missão carecia de significado, visto que desempenhava o papel de Espírito batedor *para chamar os incrédulos à fé*; contudo, mesmo no teatro, a humilde indumentária de comparsa não pode envolver um coração honesto? Suas respostas têm a simplicidade da ignorância; entretanto, pelo fato de não possuírem a elevação da linguagem filosófica dos Espíritos superiores, nem por isso deixam de ser menos instrutivas, sobretudo para o estudo dos costumes espíritas, se assim nos podemos exprimir. É somente estudando todas as classes desse mundo que nos aguarda que podemos chegar a conhecê-lo e nele marcar, de algum modo, por antecipação, o lugar que a cada um de nós será dado ocupar. Vendo a situação que, por seus vícios e virtudes, criaram os homens, nossos iguais aqui na Terra, sentimos encorajados para nos elevar o mais rapidamente possível desde esta vida: é o exemplo ao lado da teoria. Para conhecermos bem alguma coisa, e dela fazermos uma idéia isenta de ilusões, é preciso

dissecá-la em todos os seus aspectos, assim como o botânico não pode conhecer o reino vegetal a não ser observando desde o mais humilde criptógamo, que o musgo oculta, até o carvalho altaneiro, que se eleva nos ares.

Espíritos Impostores

O FALSO PADRE AMBRÓSIO

Um dos escolhos que apresentam as comunicações espíritas é o dos Espíritos impostores, que podem induzir em erro quanto à sua identidade e que, escudados em um nome respeitável, tentam passar os mais grosseiros absurdos. Em diversas ocasiões já nos pronunciamos sobre este perigo, que deixa de existir para quem quer que investigue, simultânea e rigorosamente, a forma e o fundo da linguagem dos seres invisíveis com os quais nos comunicamos. Não vamos repetir aqui o que a respeito já dissemos; lede o assunto com atenção, nesta Revista, em *O Livro dos Espíritos* e em nossa *Instrução Prática*, e vereis que nada é mais fácil do que se premunir contra semelhantes fraudes, por menor que seja nossa boa vontade. Reproduziremos somente a comparação que se segue, que citamos em outra parte: “Suponde que, num quarto vizinho ao em que estais, há várias pessoas que não conheceis, nem podeis ver, mas que ouvís perfeitamente; por sua conversação não seria fácil reconhecer se são ignorantes ou sábios, gente honesta ou malfeitores, homens sérios ou estouvados, enfim, pessoas educadas ou grosseiras?

Tomemos outra comparação, sem sair de nossa humanidade material: suponhamos que um homem se vos apresente sob o nome de um distinto literato; diante de tal nome o recebeis, de início, com toda a consideração devida ao seu suposto mérito; mas se ele se exprimir como um mariola, reconheceréis logo o engano e o expulsareis, como se faz a um impostor.

O mesmo acontece com os Espíritos: são reconhecidos por sua linguagem; a dos Espíritos superiores é sempre digna e em harmonia com a sublimidade de seus pensamentos; jamais uma trivialidade lhes macula a pureza. A grosseria e a baixaza das expressões não pertencem senão aos Espíritos inferiores. Todas as qualidades e todas as imperfeições dos Espíritos revelam-se por sua linguagem e se pode, com razão, aplicar-lhes o adágio de um célebre escritor: *O estilo é o homem*.

Essas reflexões nos são sugeridas por um artigo que encontramos no *Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans*, do mês de dezembro de 1857. É uma conversa que se estabeleceu entre dois Espíritos, através da mediunidade, em que um dizia-se o Padre Ambrósio e o outro se fazia passar por Clemente XIV. O padre Ambrósio era um respeitável sacerdote, morto na Luisiana no século passado; era um homem de bem e altamente inteligente, havendo deixado uma memória venerada.

Nesse diálogo, onde o ridículo disputa com o ignóbil, é impossível que nos equivoquemos quanto à qualidade dos interlocutores, e é preciso convir que aqueles Espíritos tomaram bem poucas precauções para se disfarçarem. Que homem de bom-senso, ainda que por um instante, poderia supor que o Padre Ambrósio e Clemente XIV tivessem podido descer a tamanhas trivialidades, que mais parece uma exibição circense? Comediantes da mais baixa categoria, que parodiassem essas duas personagens, não se teriam exprimido de modo diferente.

Estamos persuadidos de que o círculo de Nova Orléans, onde se deu o fato, compreendeu como nós; duvidar disso seria cometer injúria. Lamentamos somente que, ao publicá-lo, não o tenham feito seguir de algumas observações corretivas, que teriam impedido as pessoas superficiais de o tomarem por amostra do estilo sério de além-túmulo. Apressamo-nos, no entanto, a dizer que o círculo não tem somente comunicações desse gênero: outras há, de

caráter muito diverso, onde se encontra toda a sublimidade do pensamento e da expressão dos Espíritos superiores.

Pensamos que a evocação do verdadeiro e do falso Padre Ambrósio poderia oferecer material útil de observação sobre os Espíritos impostores; foi o que fizemos, como se pode julgar pela entrevista seguinte:

1. Rogo a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito do verdadeiro Padre Ambrósio, falecido na Luisiana, no século passado, e que deixou uma memória venerada, que se comunique conosco.

Resp. – Aqui estou.

2. Poderíeis dizer-nos se realmente fostes vós que tivestes, com Clemente XIV, a conversa referida no *Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans*, cuja leitura fizemos em nossa sessão passada?

Resp. – Lamento os homens que foram enganados pelos Espíritos, tanto quanto lamento estes.

3. Qual foi o Espírito que tomou vosso nome?

Resp. – Um charlatão.

4. E o interlocutor era realmente Clemente XIV?

Resp. – Era um Espírito simpático àquele, que havia tomado meu nome.

5. Como pudestes permitir semelhante coisa em vosso nome, e por que não desmascarastes os impostores?

Resp. – Porque nem sempre posso impedir os homens e os Espíritos de se divertirem.

6. Concebemos isso quanto aos Espíritos; entretanto, eram sérias as pessoas que recolheram aquelas palavras, e de modo algum buscavam divertir-se.

Resp. – Uma razão de sobra: por isso mesmo deviam pensar que tais palavras mais não seriam que a linguagem de Espíritos zombeteiros.

7. Por que não ensinam os Espíritos, em Nova Orleães, princípios idênticos aos que são ensinados aqui?

Resp. – A Doutrina que vos é ditada logo lhes servirá; não haverá senão uma.

8. Considerando-se que essa Doutrina deve ser ali ensinada mais tarde, parece-nos que, se o fosse imediatamente, aceleraria o progresso e evitaria que a incerteza prejudicial tomasse conta de algumas pessoas.

Resp. – Os desígnios de Deus são freqüentemente impenetráveis; porventura não haverá outras coisas que vos parecem incompreensíveis nos meios que Ele emprega para alcançar seus fins? *É preciso que o homem se habitue a distinguir o verdadeiro do falso, embora nem todos possam subitamente receber a luz sem se ofuscarem.*

9. Poderíeis, eu vos peço, dar-nos a vossa opinião pessoal sobre a reencarnação?

Resp. – Os Espíritos são criados ignorantes e imperfeitos; uma só encarnação não lhes bastaria para tudo aprenderem; é necessário que reencarnem, a fim de aproveitarem a felicidade que Deus lhes reserva.

10. A reencarnação pode ocorrer na Terra, ou somente em outros globos?

Resp. – A reencarnação se dá conforme o progresso do Espírito, em mundos mais ou menos perfeitos.

11. Isso não esclarece se a reencarnação pode ocorrer na Terra.

Resp. – Sim, pode ocorrer; e se o Espírito a solicitasse como missão, isso seria mais meritório para ele e o

faria avançar mais, do que se pedisse para renascer em mundos mais perfeitos.

12. Rogamos a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito que tomou o nome do Padre Ambrósio, que se comunique conosco.

Resp. – Eis-me aqui; mas não queirais me confundir.

13. És verdadeiramente o Padre Ambrósio? Em nome de Deus, intimo-te a dizer a verdade.

Resp. – Não.

14. Que pensas do que disseste em seu nome?

Resp. – Penso como pensavam os que me ouviam.

15. Por que te serviste de um nome respeitável para dizer semelhantes tolices?

Resp. – Aos nossos olhos, os nomes nada valem: as obras são tudo; *como podiam ver o que eu era pelo que dizia*, não liguei maior importância ao empréstimo desse nome.

16. Por que não sustentas a tua impostura em nossa presença?

Resp. – Porque minha linguagem é uma pedra de toque com a qual não vos podeis enganar.

Observação – Disseram-nos muitas vezes que a impostura de certos Espíritos é uma prova à nossa capacidade de julgar; é uma espécie de *tentação* permitida por Deus a fim de que, como disse o Padre Ambrósio, o homem possa habituar-se a distinguir o verdadeiro do falso.

17. Que pensas de teu camarada Clemente XIV?

Resp. – Não vale mais do que eu; ambos necessitamos de indulgência.

18. Em nome de Deus Todo-Poderoso, rogo-te que venhas.

Resp. – Estou aqui desde que o falso Padre Ambrósio chegou entre vós.

19. Por que abusaste da credulidade de pessoas respeitáveis, para dar uma falsa idéia da Doutrina Espírita?

Resp. – Por que nos inclinamos ao erro? É porque não somos perfeitos.

20. Não pensastes, ambos, que um dia vosso embuste seria descoberto, e que os verdadeiros Padre Ambrósio e Clemente XIV não se exprimiriam como o fizestes?

Resp. – Os embustes já eram conhecidos e castigados por Aquele que nos criou.

21. Pertenceis à mesma classe dos Espíritos a que chamamos batedores?

Resp. – Não, porque ainda é preciso raciocínio para fazer o que fizemos em Nova Orléans.

22. (Ao verdadeiro Padre Ambrósio). Esses Espíritos impostores vos estão vendo aqui?

Resp. – Sim, e sofrem com o meu olhar.

23. São errantes ou reencarnados esses Espíritos?

Resp. – Errantes; não seriam suficientemente perfeitos para se desprenderem, caso estivessem encarnados.

24. E vós, Padre Ambrósio, em que situação vos encontrais?

Resp. – Encarnado num mundo feliz e desconhecido de vós.

25. Nós vos agradecemos pelos esclarecimentos que tivestes a bondade de dar-nos; seríeis por demais benévolo para

virtudes outra vez entre nós, dizer-nos palavras de bondade e ditar-nos uma mensagem, capaz de mostrar a diferença entre o vosso e o estilo daquele que vos usurpou o nome?

Resp. – Estou com aqueles que querem o bem na verdade.

Uma Lição de Caligrafia por um Espírito

Em geral os Espíritos não são mestres em caligrafia, pois ordinariamente a escrita do médium não se notabiliza pela elegância. O Sr. D..., um de nossos médiuns, apresentou a respeito um fenômeno excepcional, isto é, escreveu muito melhor sob a influência dos Espíritos do que sob a sua própria inspiração. Sua escrita normal é péssima (da qual não se envaidece, dizendo que é a dos grandes homens); toma um caráter especial, muito distinto, conforme o Espírito que se comunica, e é sempre a mesma com o mesmo Espírito, porém mais nítida, mais legível e mais correta; com alguns, é uma espécie de escrita inglesa, traçada com certa ousadia. Um dos membros da Sociedade, o Dr. V..., teve a idéia de evocar um distinto calígrafo, tendo como motivo de observação o estudo da caligrafia. Conhecia um, chamado Bertrand, falecido há cerca de dois anos, com o qual tivemos, numa outra sessão, a conversa que se segue:

1. À formula de evocação, respondeu: Eis-me aqui.

2. Onde estáveis quando vos evocamos?

Resp. – Já me encontrava perto de vós.

3. Sabeis qual o principal objetivo que nos levou a solicitar que viésseis?

Resp. – Não; mas desejo sabê-lo.

Observação – O Espírito do Sr. Bertrand ainda se acha sob a influência da matéria, como era de supor, tendo em vista a

sua vida terrena; sabe-se que tais Espíritos são menos aptos a ler o pensamento do que aqueles que estão mais desmaterializados.

4. Gostaríamos que fizésseis reproduzir pelo médium uma escrita caligráfica que possuísse as características da que tínheis em vida. Vós o podeis?

Resp. – Eu o posso.

Observação – A partir desse momento o médium, que não procede de acordo com as regras ensinadas pelos professores de caligrafia, tomou, sem que percebesse, uma postura correta, tanto em relação ao corpo quanto à mão. Todo o resto da conversa foi escrito como o fragmento cujo fac-símile reproduzimos. Como termo de comparação, damos acima a escrita normal do médium⁴⁵.

5. Lembrai-vos das circunstâncias de vossa vida terrestre?

Resp. – De algumas.

6. Poderíeis dizer-nos em que ano morrestes?

Resp. – Em 1856.

7. Com que idade?

Resp. – Aos 56 anos.

8. Em que cidade habitáveis?

Resp. – Saint-Germain.

9. Qual era vosso gênero de vida?

Resp. – Esforçava-me para contentar meu corpo.

10. Vós vos ocupáveis um pouco das coisas do outro mundo?

45 **N. do T.:** Vide reprodução fotográfica na folha seguinte (página 307). Nas reimpressões posteriores da *Revista Espírita* de 1858, este fac-símile deixou de ser publicado.

Resp. – Não muito.

11. Lamentais não pertencer a este mundo?

Resp. – Lamento não haver empregado bem a minha existência.

12. Sois mais feliz do que na Terra?

Resp. – Não; sofro pelo bem que não fiz.

13. Que pensais do futuro que vos está reservado?

Resp. – Penso que tenho necessidade de toda a misericórdia de Deus.

14. Quais são as vossas relações no mundo em que estais?

Resp. – Relações lamentáveis e infelizes.

15. Quando retornais à Terra, há lugares que freqüentais de preferência?

Resp. – Procuo as almas que se compadecem de minhas penas, ou que oram por mim.

16. Vedes as coisas da Terra tão claramente como quando vivíeis entre nós?

Resp. – Procuo não as ver; se as buscasse, seria mais uma causa de desgostos.

17. Diz-se que, quando vivo, éreis muito pouco tolerante. É verdade?

Resp. – Eu era muito violento.

18. Que pensais do objetivo de nossas reuniões?

Resp. – Gostaria muito de havê-las conhecido quando encarnado; ter-me-iam tornado melhor.

19. Vedes aí outros Espíritos além de vós?

FACSIMILE D'ÉCRITURES

Écriture normale du médium.

Que cette doctrine de salut ait été
ou non révélée, peu importe ! Chacun
pourra croire à cet égard ce
qu'il vaudra.

ÉCRITURE DE L'ESPRIT DE M^r BERTRAND
par le même médium.

N^o Les N^{os} correspondent aux questions proposées (voyez page 196.)

- 4 Je le suis
- 5 Quelquesunes
- 6 Je suis morte en 1856
- 7 56 ans
- 8 St Germain
- 9 Je sache pas de contenir
mon corps



Resp. – Sim, mas me sinto bastante confuso diante deles.

20. Rogamos a Deus que vos guarde em sua santa misericórdia. Os sentimentos que acabais de exprimir farão com que encontreis graças diante d’Ele, e não duvidamos que vos auxiliem o progresso.

Resp. – Eu vos agradeço; Deus vos proteja! Bendito seja por isso! Minha vez chegará também, assim o espero.

Observação – Os ensinamentos fornecidos pelo Espírito do Sr. Bertrand são absolutamente exatos e de acordo com o gênero de vida e o caráter que lhe conheciam; apenas, ao confessar a sua inferioridade e os seus erros, a linguagem é mais séria e mais elevada do que dele se poderia esperar. Ele nos prova, uma vez mais, a penosa situação daqueles que na Terra se ligaram excessivamente à matéria. É assim que os próprios Espíritos inferiores, através do exemplo, nos dão muitas vezes preciosas lições de moral.

Correspondência

Bruxelas, 15 de junho de 1858.

Meu caro Senhor Kardec:

Recebo e leio com avidez vossa *Revista Espírita* e recomendo aos meus amigos não a sua simples leitura, mas o estudo aprofundado do vosso *O Livro dos Espíritos*. Lamento bastante que minhas preocupações físicas não me deixem tempo para os estudos metafísicos, embora os tenha levado bastante longe para presentir quanto estais perto da verdade absoluta, sobretudo quando vejo a coincidência perfeita que existe entre as respostas que me foram dadas e as vossas. Mesmo aqueles que vos atribuem pessoalmente

a autoria de vossos escritos estão estupefatos pela profundidade e pela lógica que encerram. Repentinamente e de um salto, vós vos elevastes até ao nível de Sócrates e Platão, pela moral e pela filosofia estética; quanto a mim, conhecedor do fenómeno e da vossa lealdade, não duvido da exatidão das explicações que vos são dadas e abjuro todas as idéias que a esse respeito publiquei, enquanto nelas não pensava ver, juntamente com o Sr. Babinet, mais que fenómenos físicos ou charlatanice indigna da atenção dos sábios.

Como eu, não desanimeis diante da indiferença de vossos contemporâneos; o que está escrito, está escrito; o que está semeado germinará. A idéia de que a vida é uma *afinação* das almas, uma prova e uma expiação, é grande, consoladora, progressiva e natural. Os que a ela aderem são felizes em todas as posições; em vez de se queixarem dos sofrimentos físicos e morais que os oprimem, devem regozijar-se ou, pelo menos, suportá-los com resignação cristã.

Por ser feliz, foge ao prazer:
É do filósofo a divisa;
O esforço feito para o obter
Custa bem mais do que ajuíza
Mas ele vem cedo ou mais tarde,
De forma súbita e imprecisa;
Do acaso é jogo sem alarde
Que dez mil vezes valer visa.

Espero passar brevemente em Paris, onde tenho muitos amigos a ver e bastantes coisas a fazer; deixarei tudo de lado, porém, na expectativa de vos poder levar um aperto de mão.

Jobard,

Diretor do Museu Real da Indústria.

Uma adesão tão clara e tão franca, da parte de um homem do valor do Sr. Jobard é, sem dúvida alguma, uma preciosa

conquista, que deve ser aplaudida por todos os partidários da Doutrina Espírita. Em nossa opinião, porém, apenas aderir é pouco; mais relevante é admitir abertamente que se haja cometido um equívoco, abjurar idéias anteriores, já publicadas, e isso sem qualquer pressão ou interesse, unicamente porque a verdade se tornou patente. Eis aí o que se pode chamar de verdadeira coragem de opinião, sobretudo quando se tem um nome conhecido. Agir assim é peculiar às pessoas de caráter, que sabem colocar-se acima dos preconceitos. Por certo, todos os homens são passíveis de cometer enganos; entretanto, há grandeza em reconhecer os próprios erros, ao passo que há mesquinhez em sustentar uma opinião que se sabe falsa, unicamente para exibir um prestígio de infalibilidade junto às pessoas comuns. Tal prestígio não poderia enganar a posteridade, que arranca impiedosamente todos os ouropéis do orgulho; somente ela constrói as reputações; apenas ela tem o direito de inscrever em seu templo: Este era verdadeiramente grande, pelo Espírito e pelo coração. Quantas vezes não terá escrito, também: Este grande homem foi bem mesquinho!

Os elogios contidos na carta do Sr. Jobard nos teriam impedido de publicá-la se tivessem sido dirigidos a nós, pessoalmente; entretanto, desde que em nosso trabalho reconhece a obra dos Espíritos, dos quais não temos sido senão meros intérpretes, todo o mérito lhes pertencendo, nossa modéstia em nada sofreria com uma comparação que só prova uma coisa: que esse livro foi ditado por Espíritos de uma ordem superior.

Respondendo ao Sr. Jobard, nós lhe havíamos indagado se permitiria que publicássemos sua carta; ao mesmo tempo, por delegação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, tínhamos recebido o encargo de oferecer-lhe o título de membro honorário e correspondente da referida Sociedade. Eis a resposta que teve a gentileza de endereçar-nos, da qual nos sentimos muito felizes em poder reproduzir:

Bruxelas, 22 de junho de 1858.

Meu caro colega,

Com perífrases espirituosas, perguntais se eu ousaria confessar publicamente minha crença nos Espíritos e no perispírito, em vos autorizar a publicação de minhas cartas e em aceitar o título de correspondente da Academia de Espiritismo que fundastes, o que significaria, como se costuma dizer, ter coragem de sustentar a própria opinião.

Confesso que me sinto um pouco humilhado, ao ver que empregais as mesmas fórmulas e o mesmo discurso comumente dirigidos às pessoas simplórias, quando devíeis saber que toda a minha vida foi consagrada à sustentação da verdade e ao testemunho em seu favor, sempre que a encontrava, tanto na Física, quanto na Metafísica. Sei perfeitamente que o papel do adepto das idéias novas nem sempre está livre de inconvenientes, até mesmo neste século de luzes, e que podemos ser ridicularizados se dissermos que a luz se fará em pleno dia; no mínimo, seremos tachados de loucos; porém, como a Terra gira e o Sol haverá de brilhar para todos, faz-se necessário que os incrédulos se dobrem à evidência. É natural também que a existência dos Espíritos seja negada por aqueles que só acreditam no que vêem, do mesmo modo que a luz não existe para quantos se achem privados de seus raios. Podemos entrar em comunicação com eles? Eis aí toda a questão. Vede e observai.

O tolo nega sempre o que ele não entende;
Mesmo o maravilhoso é-lhe pobre vergel;
Ele não sabe nada, e nada quer ou aprende;
– Do incrédulo esse é, pois, um retrato fiel.

Disse a mim mesmo: Evidentemente o homem é duplo, visto que a morte o desdobra; quando uma metade permanece aqui, a outra vai para algum lugar, conservando a sua individualidade; o

Espiritismo, portanto, está perfeitamente de acordo com as Escrituras, com o dogma, com a própria religião, que crê na existência dos Espíritos; e tanto isso é verdade que ela exorciza os maus e evoca os bons: o *Vade retro* e o *Veni Creator* dão prova disso. A evocação, portanto, é uma coisa séria e não uma obra diabólica, ou uma charlatanice, como pensam alguns.

Sou curioso, não nego, mas quero ver. Jamais me ouviram falar: Trazei-me o fenômeno. Em vez de o esperar tranqüilamente em minha poltrona, o que não faria o menor sentido, saí correndo à sua procura. A propósito do magnetismo, desenvolvi o seguinte raciocínio, e isso há mais de 40 anos: É impossível que homens tão apreciáveis dêem-se ao trabalho de escrever milhares de volumes para me fazerem crer na existência de uma coisa que não existe. Tentei em vão, durante muito tempo, obter aquilo que procurava; como perseverasse, acabei por ser muito bem recompensado, visto ter conseguido reproduzir todos os fenômenos de que ouvira falar; detive-me, depois, durante 15 anos. Com o aparecimento das mesas falantes, quis saber exatamente como as coisas se passavam; hoje surge o Espiritismo e a minha atitude é a mesma. Quando aparecer alguma coisa nova, correrei atrás dela com o mesmo ardor com que me coloco à frente das descobertas modernas de todos os gêneros. É a curiosidade que me arrasta, e lamento que os selvagens não sejam curiosos: por isso mesmo continuam selvagens. A curiosidade é a mãe da instrução. Sei perfeitamente que essa ânsia de aprender tem me prejudicado bastante, e que se me tivesse mantido nessa respeitável mediocridade, que conduz às honras e à fortuna, teria aproveitado a melhor parte. Mas há muito tempo confessei a mim mesmo que me achava apenas de passagem nesta sórdida pousada, onde não vale a pena desfazer as malas. O que me faz suportar sem dor as injúrias, as injustiças, os roubos de que fui vítima privilegiada, foi a idéia de que aqui não existe nem felicidade, nem infelicidade com que possamos nos alegrar ou nos afligir. Trabalhei, trabalhei, trabalhei, o que me deu forças para fustigar os adversários mais

encarnçados e impor respeito aos demais, de sorte que agora sou mais feliz e mais tranqüilo do que as pessoas que me escamotearam uma herança de 20 milhões. Eu os lastimo, pois não lhes invejo a posição no mundo dos Espíritos. Se lamento essa fortuna não o é por mim – afinal de contas, não tenho apetite para digerir 20 milhões – mas pelo bem que deixei de fazer. Que alavanca poderosa, nas mãos de um homem que soubesse empregá-la utilmente! Quanto impulso poderia proporcionar à Ciência e ao progresso! Aqueles que têm fortuna ignoram, freqüentemente, as verdadeiras alegrias que se poderiam permitir. Sabeis o que falta à ciência espírita para propagar-se com rapidez? Um homem rico, que a ela consagrasse sua fortuna por puro devotamento, sem mescla de orgulho, nem de egoísmo, que fizesse as coisas em grande estilo, sem parcimônia, nem mesquinhez: tal homem faria a ciência avançar meio século. Por que me foram subtraídos os meios de o fazer? Esse homem será encontrado; algo mo diz; honra a ele, pois!

Vi uma pessoa viva ser evocada; teve uma síncope até que seu Espírito retornasse. Poderíeis evocar o meu, para ver o que vos direi? Evocai também o Dr. Mure, morto no Cairo no dia 4 de junho; era um grande espiritista e médico homeopata. Perguntai-lhe se ainda acredita em gnomos. Certamente está em Júpiter, pois era um grande Espírito, mesmo aqui na Terra, um verdadeiro profeta a ensinar e meu melhor amigo. Estará contente com o artigo necrológico que lhe dediquei?

Isso está indo muito longe, direis; mas nem tudo são rosas em terdes a mim como correspondente. Vou ler vosso último livro, que acabo de receber; à primeira vista, não duvido que ele faça muito bem, ao destruir uma porção de preconceitos, pois soubestes mostrar o lado sério da coisa. O caso Badet é muito interessante; falaremos dele depois.

Todo vosso,

Jobard

Seria supérfluo qualquer comentário sobre esta carta; cada um apreciará sua importância e saberá encontrar, sem dificuldade, essa profundidade e essa sagacidade que, aliadas aos mais nobres pensamentos, conquistaram, para o autor, tão honrosa posição entre os seus contemporâneos. Podemos nos gabar de ser *loucos*, à maneira por que entendem os adversários, quando temos tais companheiros de infortúnio.

A esta observação do Sr. Jobard: “Podemos entrar em comunicação com os Espíritos? Eis aí toda a questão. Vede e observai”, acrescentaremos: As comunicações com os seres do mundo invisível não são uma descoberta nem uma invenção moderna; têm sido praticadas desde a mais remota Antigüidade, por homens que foram mestres na filosofia, e cujos nomes invocamos diariamente, em respeito à sua autoridade. Por que razão aquilo que então se passava não mais poderia repetir-se hoje?

A carta seguinte foi-nos endereçada por um de nossos assinantes; visto conter uma parte instrutiva, que pode interessar à maioria dos leitores, e sendo uma prova a mais da influência moral da Doutrina Espírita, acreditamos dever publicá-la na íntegra, respondendo, para todos, às diversas perguntas que encerra.

Bordeaux, 24 de junho de 1858.

Senhor e caro confrade em Espiritismo,

Certamente permitireis a um de vossos assinantes, e a um de vossos leitores mais atentos, que vos dê esse título, porquanto essa doutrina admirável há de enlaçar, fraternalmente, todos os que a compreendem e praticam.

Em um dos vossos números anteriores, falastes de desenhos extraordinários, feitos pelo Sr. Victorien Sardou,

representando habitações no planeta Júpiter. A descrição que nos fizestes, como certamente a muitos outros, dá-nos vontade de os conhecer. Poderíeis dizer-nos se esse senhor tem intenção de os publicar? Não duvido que alcançarão grande sucesso, tendo em vista a extensão que a cada dia tomam as crenças espíritas. Seria o complemento necessário da descrição tão sedutora que deram os Espíritos, desse mundo feliz.

Dir-vos-ei, meu caro senhor, a respeito, que há cerca de dezoito meses evocamos, em nosso pequeno círculo íntimo, um antigo magistrado, parente nosso, morto em 1756, que em vida foi um modelo de todas as virtudes e um Espírito muito superior, embora não tendo alcançado lugar na História. Disse-nos que estava encarnado em Júpiter e deu-nos um ensinamento moral de admirável sabedoria, em tudo conforme ao que encerra o vosso tão precioso *O Livro dos Espíritos*. Tivemos, naturalmente, a curiosidade de pedir-lhe algumas informações sobre o estado do mundo que habita, o que fez com extrema complacência. Ora, julgai nossa surpresa e alegria quando lemos em vossa *Revista* uma descrição absolutamente idêntica daquele planeta, pelo menos em suas linhas gerais, uma vez que, como vós, não havíamos levado tão longe essas questões; tudo ali é conforme ao físico e à moral, até mesmo a condição dos animais. Mencionou, inclusive, as habitações aéreas, das quais não falais.

Como houvesse certos assuntos que tínhamos dificuldade de compreender, nosso parente aditou estas palavras notáveis: “Não é de admirar que não compreendais as coisas para as quais vossos sentidos não foram feitos; porém, à medida que avançardes em ciência, compreendê-las-eis melhor pelo pensamento, e elas deixarão de vos parecer extraordinárias. Não vem longe o tempo em que recebereis esclarecimentos mais completos sobre este ponto. Os Espíritos estão encarregados de vos instruir a respeito, a fim de vos dar um objetivo e vos estimular ao bem.” Lendo vossa descrição e o anúncio dos desenhos de que falais, pensamos, naturalmente, que esse tempo havia chegado.

Certamente, os incrédulos censurarão esse paraíso dos Espíritos, como tudo criticam, inclusive a imortalidade e, até mesmo, as coisas mais santas. Sei muito bem que nada prova materialmente a veracidade dessa descrição; entretanto, para todos os que crêem na existência e nas revelações dos Espíritos, essa coincidência não é um convite à reflexão? Fazemos uma idéia dos países que nunca vimos pela descrição dos viajantes, desde que haja coincidência entre eles. Por que não se daria o mesmo, em relação aos Espíritos? No estado sob o qual nos descrevem o planeta Júpiter, haverá qualquer coisa que repugne à razão? Não; tudo está conforme à idéia que nos dão das existências mais perfeitas; direi mais: conforme as Escrituras, que faço questão de um dia demonstrar. A mim, isso parece tão lógico e tão consolador, que seria penoso renunciar à esperança de habitar esse mundo afortunado, onde não há maus, nem invejosos, nem inimigos, nem egoístas, nem hipócritas. Eis por que me esforço para um dia merecer viver nesse lugar.

Em nosso pequeno círculo, quando algum de nós parece ter pensamentos muito materiais, nós lhe dizemos: “Cuidado, senão não ireis para Júpiter”; e somos felizes em pensar que esse futuro nos está reservado, quando não na próxima etapa, pelo menos em uma das seguintes. Obrigado, pois, a vós, meu caro irmão, por nos terdes aberto esse novo caminho da esperança.

Considerando-se que obtivestes revelações tão preciosas sobre aquele mundo, deveis tê-las igualmente logrado de outros que compõem nosso sistema planetário. É vossa intenção publicá-las? Isso daria um conjunto dos mais interessantes. Olhando os astros, deleitar-nos-íamos em pensar nos seres tão variados que os povoam; o espaço nos pareceria menos vazio. Como pode o homem, crente no poder e na sabedoria de Deus, imaginar que essa infinidade de globos seja formada de corpos inertes e sem vida? Que estejamos sozinhos neste pequeno grão de areia, chamado de Terra? Direi que é a impiedade que o faz assim. Semelhante idéia me entristece; se assim fosse, pensaria estar num deserto.

Inteiramente vosso, de coração.

Marius M.,

Funcionário aposentado.

O título que o nosso honrado assinante quis outorgar-nos é muito lisonjeiro, para que não lhe sejamos reconhecido de nolo haver julgado merecedor. De fato, o Espiritismo é o laço fraternal que deve conduzir à prática da verdadeira caridade cristã *todos os que o compreendem em sua essência*, porquanto tende a fazer desaparecer os sentimentos de ódio, de inveja e de ciúme que dividem os homens; mas não é essa a fraternidade de uma seita; para que se conforme aos divinos preceitos do Cristo, deve abraçar a Humanidade inteira, porquanto são filhos de Deus todos os homens; se alguns estão extraviados, ela ordena que os lamentemos; proíbe que os odieemos. Amai-vos uns aos outros, disse Jesus; nunca falou: Não ameis senão os que pensam como vós; eis por que, quando nossos adversários nos atiram pedras, não lhes devemos jamais devolver as maldições: esses princípios tornarão pacíficos os homens, que jamais buscarão a satisfação de suas paixões na desordem e no sofrimento do próximo.

Os sentimentos de nosso honrado correspondente estão registrados com muita elevação para que nos persuadamos de que entende a fraternidade tal como deve ser, na sua mais ampla acepção.

Somos felizes pela comunicação que ele se prontificou a fazer a respeito de Júpiter. A coincidência que nos assinala não é a única, como se pôde depreender pelo artigo concernente ao assunto. Ora, seja qual for a opinião que se tenha a respeito, nem por isso deixa de ser matéria de observação. O mundo espírita está cheio de mistérios que devem ser estudados com muito cuidado. As conseqüências morais deduzidas pelo nosso correspondente estão marcadas de um cunho lógico que a ninguém escapa.

A propósito da publicação dos desenhos, vários de nossos assinantes externaram o mesmo desejo. Mas tal é a sua complicação que a reprodução em gravura determinaria despesas excessivas e de difícil solução; os próprios Espíritos haviam dito que o momento de publicá-los ainda não tinha chegado, provavelmente por esse motivo. Felizmente, a dificuldade está hoje superada. De médium desenhista – sem saber desenhar – o Sr. Victorien Sardou tornou-se *médium gravador*, embora jamais houvesse pegado num buril em toda a sua vida; agora faz desenhos diretamente sobre o cobre, o que permitirá sua reprodução sem o concurso de qualquer artista estrangeiro. Simplificada a questão financeira, poderemos, assim, dar uma amostra notável em nosso próximo número, acompanhada de uma descrição técnica, que ele teve a gentileza de redigir, conforme os documentos que lhe forneceram os Espíritos. Esses desenhos são muito numerosos, formando seu conjunto, mais tarde, um verdadeiro Atlas. Conhecemos outro médium desenhista, a quem os Espíritos fazem traçar desenhos não menos curiosos sobre um outro planeta. Quanto ao estado dos diferentes globos conhecidos, sobre muitos temos recebido ensinamentos gerais, enquanto sobre outros apenas alguns detalhes; mas ainda não nos decidimos sobre a época mais conveniente para a sua publicação.

Allan Kardec

